

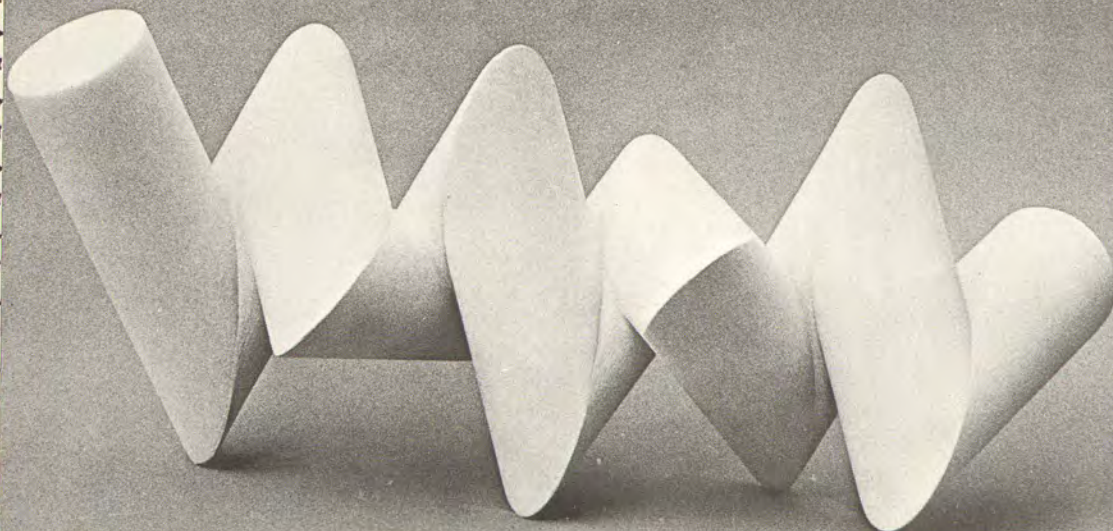
Suas obras
estão até em Trondheim
(Noruega)

SÉRGIO CAMARGO

PRATA DA CASA, MÁRMORE À PARTE

Vogue Brasil - Maio 81 - Nº 71

O nosso escultor com maior fama internacional decidiu voltar ao Brasil e trabalhar aqui mesmo, apesar das dificuldades que começam na matéria-prima: seu mármore vem todo de Carrara, toneladas e toneladas, em lentos navios que trazem blocos que viram, milagrosamente, esplêndidas esculturas.



Depois de cinco anos escondido em Jacarepaguá, numa casa projetada por Zanini Caldas, com um estúdio gigantesco, Sérgio Camargo finalmente mostrou as suas esculturas, numa grande exposição no Museu de Arte de São Paulo. Premiada pela crítica, muito visitada pelo público, esta ficou, no entanto, sendo a sua única exposição nas capitais brasileiras.

Para mostrar o seu trabalho em seu próprio país, ele teve que praticamente trazer um navio de Carrara, pois este é o único mármore que ele usa e já com as peças prontas, talhadas por competentes artesãos.

No Rio de Janeiro, como até hoje o Museu de Arte Moderna ainda não definiu a sua verdadeira linha de programação, não há espaço para apresentar a sua obra. Por isso, ele já retornou ao seu calendário internacional.

A primeira etapa será uma exposição na própria Itália, onde ele manda executar todas as suas peças. A seguir, uma nova exposição na importante galeria Denise Renée, de Paris. E, além disso, já recebeu convites para levar seus mármore para Tóquio, a convite de Koichi Ino, o mesmo marchand japonês de Marino Marini.

Enquanto isso, continua trabalhando as maquetes, na paz de Jacarepaguá. A sua mesa de trabalho fica quase submersa, num estúdio que mais parece um hangar, entre folhagens, onde tem pequenos blocos de madeira e mármore espalhados em profusão, como um *puzzle* à espera de um jogador. De certa maneira, este é o seu jeito de trabalhar. Ele seleciona módulos de vários tamanhos e proporções e começa a experimentar jogos de combinações. Quando a peça já está definida nestas maquetes em escala, é preciso enviá-las para a Itália, para encomendar o mármore.

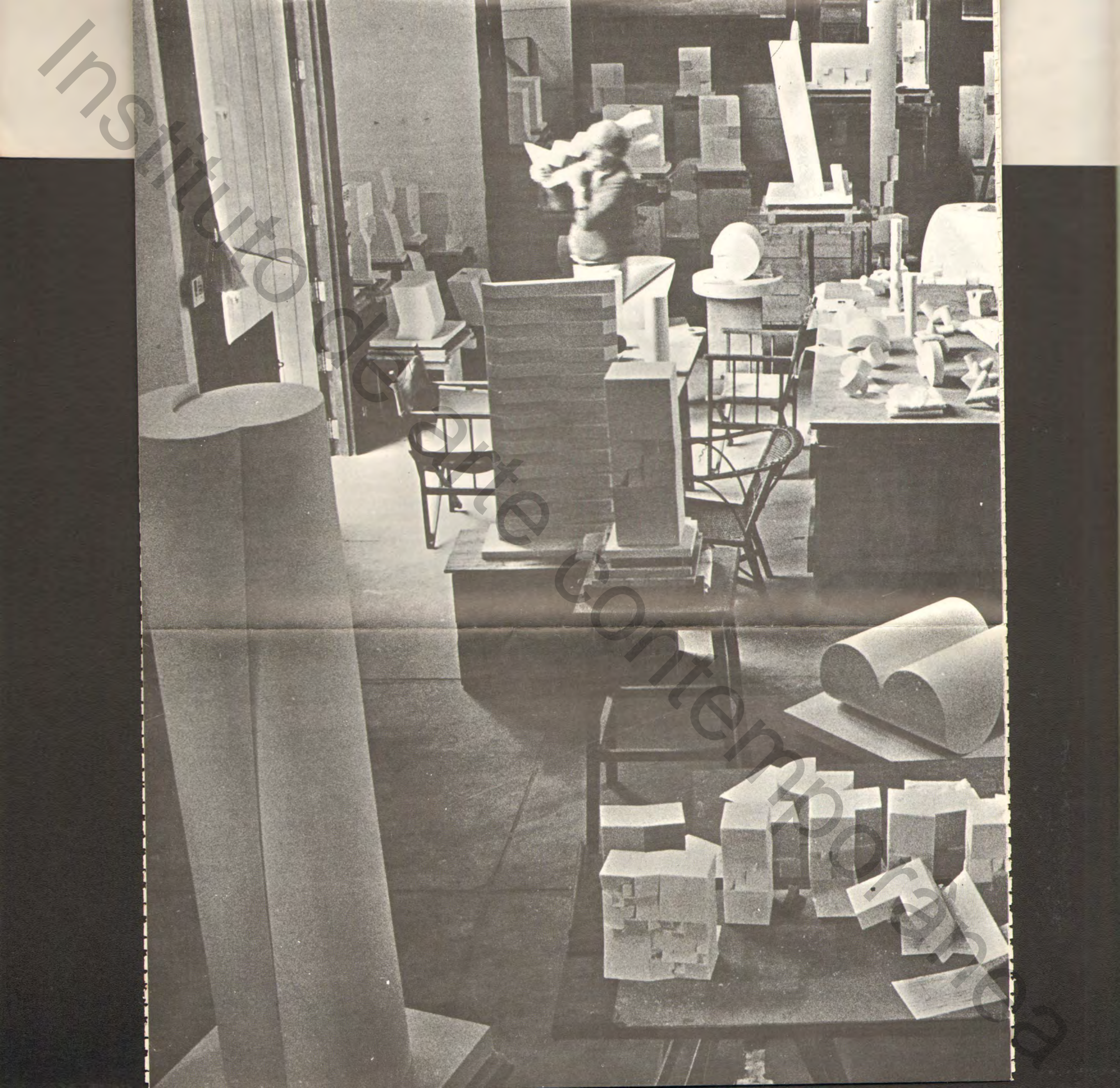
"Antes de trabalhar com os mármore, quando estava fazendo os relevos em madeira, já usava esse processo combinatório", explica Sérgio Camargo. "Aliás, quando fiz o meu primeiro relevo, em 1963, um crítico chegou a me dizer: 'Depois de dez relevos, o assunto estará esgotado'. Na realidade, já fiz mais de quatrocentos trabalhos e existem ainda múltiplas possibilidades de variações. Esta maneira de trabalhar corresponde à minha visão do mundo. Pode ser uma gagueira mas é a minha visão do mundo."

Madeira e mármore. O primeiro relevo em madeira pintada de branco, Sérgio conseguiu criar com 33 anos. Isto, depois de um período difícil, de crises de criação, até definir exatamente o que procurava encontrar.

"Antes dos anos 60, meu trabalho não era linear, nunca aceitei nenhum convite para uma exposição. Nessa época tomei uma decisão radical. Vendi tudo o que tinha, cortei as ligações familiares com o Brasil e segui para a França com a família. Acho que por muito tempo não coloquei o nariz fora do estúdio. Foi no campo, na região do Jura, que comecei a fazer os relevos. Não os mostrei a ninguém, mas decidi enviá-los à Bienal de Paris."

As três peças que Sérgio enviou mereceram o Prêmio Internacional de Escultura, dessa III Bienal de Paris, em 1963. E logo depois ele entrou numa roda-viva de exposições: *Formes et Magies*, *La Boite et son Contenu* (as duas, na Galeria Legendre), *Sete Artistas Brasileiros* (Galerie du XXème Siecle), em Bruxelas, na Galeria Ravenstein e finalmente na *Signals*, de Londres. No ano seguinte, realizou sua primeira individual.

Vogue Brasil - Maio 81 - Nº 71



SÉRGIO CAMARGO

"Eu fazia tudo de maneira artesanal, relevo por relevo. Meu estúdio de Paris tinha pouco espaço e até então não tinha vendido nenhuma escultura. Quem comprou meu primeiro trabalho foi a baronesa de Rothschild. Com esses três mil francos comprei uma serra para trabalhar."

Agora Sérgio está mais envolvido com o mármore, que tem que buscar nas montanhas e nas pedreiras subterrâneas de Carrara.

"Voltei para morar definitivamente no Brasil, gosto dessa minha casa de Jacarepaguá, não pretendo sair daqui tão cedo. Porém, não há condições para trabalhar com o mármore nacional, fazendo o tipo de trabalho que faço. Preciso do branco absoluto, que uso fosco, sem polimento, e além disso exijo formas cortadas com muita precisão. Por isso é que mando minhas maquetes para a Itália, para terminar cada uma das peças. Em Carrara, uso uma equipe de artesãos que há quatro gerações estão no mesmo ramo. Posso colocar ouro em pó na mão deles ou encomendar os blocos de mármore em qualquer proporção. Confio neles e sei que o trabalho será perfeito."

Os endereços na Europa. O Brasil tem muito poucas peças de Sérgio Camargo em lugares públicos oficiais e ele também não está à vista no acervo dos museus de arte contemporânea. Mas é claro que isto só acontece aqui no seu país natal. Até em Trondheim, na Noruega, existe uma enorme escultura branca, que pode ser vista facilmente pelo público. Ao ar livre, também estão algumas peças em diferentes pontos da Europa, incluindo a praia de Port Bacarès e o pátio da Faculdade de Medicina de Bordeaux. E um colecionador de Oslo possui trinta esculturas que várias vezes foram mostradas em exposições pela Europa.

Com estes novos mármore que estão chegando da Itália, pela primeira vez será realmente possível mostrar, numa grande exposição, todas as variações de suas esculturas, em diferentes tamanhos.

"Mesmo assim", esclarece Sérgio Camargo, o tamanho de uma escultura não indica que o artista domina as grandes proporções. É o modo de ordenar os volumes, a maneira de articular formas e proporções, que sugerem a monumentalidade. O exemplo mais claro em São Paulo é o do Borba Gato. Não adianta ele ser tão grande, na verdade é um simples bonequinho".

Circuito latino. Raros são os artistas brasileiros que já conseguiram atravessar a barreira da América de língua espanhola, e quase sempre eles chegam aos países vizinhos, depois de terem passado ou por Nova York ou pela Europa, para depois voltar pela América Latina. No caso de Sérgio Camargo, enquanto morava em Paris, ele tinha contato com os latino-americanos que provocaram a explosão da arte cinética e o seu trabalho sempre foi acompanhado com o maior respeito em toda a América.

Tanto assim, que o exigente diretor do Museu de Arte Moderna da Cidade do México, Fernando Gamboa, dedicou-lhe uma exposição na ala principal do museu, com um ca-

Continua na pág. 227

Vogue Brasil - Maio 81 - Nº 71